

A fome não pode esperar

Por José Graziano da Silva

Diretor-Geral eleito da FAO

Este ano, o tradicional exercício de fim de ano de refletir sobre os sucessos e fracassos dos últimos 12 meses, e olhar para o ano que aí vêm, tem um significado especial para mim. O mês de junho do ano passado marcou uma viragem pessoal, com a minha eleição como Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Vou assumir as minhas funções no dia 1 de janeiro e o meu trabalho será fazer dessa data um outro ponto de viragem – virar a maré na luta contra a fome.

Atualmente, cerca de 1 bilhão de pessoas estão ainda subnutridas e muitos países estão longe de atingir o primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milénio de reduzir para metade, até 2015, a proporção de pessoas que vivem na fome e pobreza extremas.

A minha principal prioridade para 2012 será trazer um novo impulso para se atingir esse objetivo, mas também olhar para além dele, para a erradicação final e total da fome neste planeta. Obviamente, não é algo que a FAO possa fazer sozinha. Será necessário uma nova mobilização internacional, o apoio dos decisores em todos os lugares e um esforço concertado de toda a família das Nações Unidas e outros parceiros de desenvolvimento.

Pretendo começar imediatamente uma série de consultas com 20-30 dos países mais pobres do mundo e ajudá-los a mobilizar os recursos necessários para lançar as suas próprias estratégias abrangentes de segurança alimentar.

Não há receitas feitas, mas os países também não precisam de começar do zero. No seio da FAO e em diferentes partes do mundo em desenvolvimento, há uma riqueza de experiências internacionais à qual esses países podem recorrer para encontrar respostas para os seus problemas.

A FAO, tirando o melhor partido dos seus próprios recursos financeiros e humanos e trabalhando lado a lado com outros parceiros, está preparada para ajudar esses países a formular planos viáveis e encontrar recursos para os financiar.

Um dos desafios é utilizar o conhecimento e a experiência que a FAO tem e está a desenvolver em muitas áreas, como a agricultura sustentável e o empoderamento das mulheres.

Em 2011, a FAO lançou o que corresponde a uma revolução verde na agricultura, que visando

aumentar a produção sem nenhum dos danos ambientais e degradação maciça dos recursos naturais, causadas pelos sistemas agrícolas atuais. Isto designamos de “Poupar e Crescer” (*Save and Grow*).

Este novo modelo conserva e promove os recursos naturais, baseando-se na contribuição da natureza para o aumento das colheitas – desde a matéria orgânica dos solos à regulação de fluxos de água – e pode ser adaptado a condições específicas e locais. Experiências de terreno em 57 países de baixo rendimento têm produzido aumentos de produção de em média 80 por cento. Vamos ajudar os países em desenvolvimento a adotar gradualmente este modelo nos próximos 15 anos.

Isto pode desempenhar um papel importante para ajudar países com insegurança alimentar a alcançar um maior crescimento económico sustentável, uma questão que estará no centro das atenções durante o próximo mês de Junho no Rio +20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. As alterações climáticas e a segurança alimentar têm agendas convergentes. Ambas requerem mudanças importantes para uma produção e padrões de consumo mais sustentáveis. Temos agora a oportunidade de explorar as suas potenciais sinergias.

Juntamente com a ONU Mulheres e muitos outros parceiros, a FAO defende também o empoderamento das mulheres na agricultura.

Atualmente, por exemplo, a produtividade dos terrenos cultivados por mulheres é mais baixa do que naqueles cultivados por homens. Não porque as mulheres sejam piores agricultores do que os homens, mas porque simplesmente não têm o mesmo acesso a recursos como terra, tecnologia e inputs. A participação plena das mulheres nos nossos esforços para acabar com a fome vai fazer uma diferença crucial.

Neste novo impulso na luta contra a fome devemos procurar soluções novas e inovadoras. A injeção de recursos nas economias rurais, através de programas de transferência de dinheiro e de incentivos à produção, por exemplo, têm efeitos positivos imediatos no estímulo do crescimento local. São gerados empregos e fontes de rendimento, mercados para os pequenos agricultores e a oferta local de alimentos frescos, saudáveis e nutritivos, aumenta.

O caminho à nossa frente é longo, mas está na hora de se ser inovador e encontrar novas respostas. Embora a nossa tarefa esteja dificultada pelo ambiente económico incerto, estou convencido que com uma nova abordagem e esforços renovados, além de medidas para fortalecer a governação global da segurança alimentar, podemos construir o impulso necessário para a erradicação total da fome.